

OS VAMPIRINHOS DO CASARÃO

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a estória de Rosinha, Sussu, Lucas e Ro, quatro amiguinhos que viram sua rotina de brincadeiras alterada quando uma estranha e sinistra família mudou-se para um casarão abandonado na esquina da praça com a rua do cemitério. Aproximar-se do casarão era proibido pelos pais das crianças pelos perigos que poderia oferecer. Lá moravam mendigos, além de bichos, como ratos, aranhas e escorpiões. O misterioso casal tinha dois filhos, Vladimir e Norma. Vários fatos e coincidências fizeram com que as crianças acreditassem tratar-se de uma família de vampiros. Apesar de assustadas, elas se propuseram a provar isto e a história se desenvolve em aventuras, suspense e mistérios, até que tudo fica esclarecido em um final surpreendente.

João José da Costa

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

As brincadeiras na praça eram uma rotina na vida de Rosinha, Sussu, Lucas e Ro. A praça tinha uma quadra de esportes, balanças, gangorras e outros brinquedos, além de um gostoso gramado.

As duas meninas e os dois meninos não se largavam. Eles eram vizinhos, frequentavam a mesma escola e a mesma classe.

Nas festas de aniversários, nos parques de diversão, nos passeios ao shopping e até nos circos que se instalavam no bairro, os quatro amigos estavam sempre juntos.

Na praça, eles brincavam de jogar vôlei, futebol e faziam o que mais gostavam – brincar de pega-pega e correr uns atrás dos outros.

As mães riam quando Lucas dizia que iria se casar com a Rosinha e o Ro dizia que se casaria com a Sussu quando ficassem gente grande.

Na esquina da praça com a rua onde ficava um cemitério, havia um casarão antigo e abandonado. E o casarão provocava arrepios e medo em todas as crianças. Ele era escuro, as árvores estavam secas, o mato estava alto no quintal e os jardins abandonados. As janelas estavam quebradas e balançavam com o vento. Quando isto acontecia, elas faziam barulho como se fossem pessoas gemendo.

O pior era à noite. Rosinha, Sussu, Lucas e Ro se cobriam com o lençol quando ouviam os gemidos vindos de dentro do casarão. Alguns até pensavam que eram crianças amarradas e presas lá dentro.

No casarão abandonado tinha muitos bichos assustadores, como morcegos, ratos, aranhas, baratas, escorpiões. Alguns mendigos e moradores de rua aproveitavam as portas abertas para dormir lá dentro.

Era um lugar perigoso. Os mendigos são conhecidos pelas crianças como ‘homens do saco’ porque, geralmente, levam um saco nas costas com as coisas que catam nas praças. Muitas mães costumam dizer: ‘Olha que o homem do saco pode te pegar!’. Elas falavam isto para assustar e prevenir as crianças contra o perigo de se aproximarem de estranhos. Assim, mantinham as crianças longe do casarão.

E, como acontecia todos os dias, após fazer a lição de casa, Rosinha pediu para a sua mãe:

- Mãe! Posso brincar na praça com a Sussu?
- Pode, mas ligue primeiro para ela e veja se a sua mãe deixou! Mas, volte logo. E tem mais uma coisa - não se aproxime do casarão abandonado da esquina!

Esta era uma recomendação que as mães de Rosinha, Sussu, Lucas e Ro faziam sempre. Elas poderiam brincar, mas nunca se aproximarem do casarão abandonado. Na verdade, as crianças tinham tanto medo deste lugar, que nem precisaria as suas mães pedirem isto!

O casarão estava assim há muitos anos e a construção era muito velha. Ninguém sabia quem era o dono. Na vizinhança, ninguém sabia de quem era o casarão. Ele havia sido construído há muitos anos por um casal de imigrantes que viera da Transilvânia, uma cidade da Romênia. E alguns moradores mais velhos lembravam-se do nome deles - Elena e Eugene.

Elena e Eugene morreram bem idosos e foram enterrados no cemitério perto do casarão. E nunca mais ninguém apareceu ou foi morar no casarão, que ficou abandonado.

E Rosinha convidou Sussu:

- Sussu, vamos andar de bicicleta pela calçada?
- Vamos! Já falei com a minha mãe e ela deixou. Ela somente disse que...
- Já sei! Para a gente não brincar perto do casarão abandonado! Respondeu Rosinha, rindo.
- É isto mesmo. Mas, o que será que tem no casarão que assusta tanto as pessoas? Perguntou Sussu.
- Minha mãe sempre fala que lá mora o 'homem do saco' que pode nos pegar. É perigoso! Respondeu Rosinha.
- Como nós estamos de bicicleta, vamos passar lá em frente bem depressa? Disse Sussu, não aguentando de curiosidade.
- Se for bem depressa eu vou! Tenho medo! Concordou Rosinha.

Assim, Rosinha e Sussu se aproximaram do casarão e pararam por alguns minutos para olhar o casarão de longe. Realmente, ele dava muito medo.

E não demorou em aparecer o ‘terrível homem do saco’.

As duas não quiseram saber e deram no pé, ou melhor, no pedal de suas bicicletas.

O ‘terrível homem do saco’ deixou o casarão sem pressa para começar o seu trabalho do dia de catar latinhas e papelão no lixo para vender. Assim, poderia conseguir algum dinheiro para a marmita do dia.

No caminho de volta, encontraram o Lucas e o Ro que vinham de jogar bola:

- Por que vocês duas estão correndo tanto com estas bicicletas! Perguntou Lucas.

- É que nos vimos o ‘homem do saco’ e ficamos com medo dele nos pegar! Disse Rosinha.

- Ah, eu gostaria de ver vocês olhando para o casarão abandonado à noite! Respondeu Ro.

- Vocês já foram lá? Quis saber Sussu.

- Sim! Nós somos meninos e meninos não têm medo como as meninas! Disse Ro mostrando ser corajoso.

Depois que elas se foram, Lucas perguntou para o Ro:

- Você já foi perto do casarão à noite?

- Eu não! E você já foi? Disse Lucas.

- Eu também não!

- Então nós mentimos para as meninas! Confirmou Ro.

- Mas, o que você acha de olharmos o casarão esta noite, enquanto nossos pais veem televisão? Perguntou Lucas.

- Será que não tem perigo? Quis saber Ro.
- Perigo tem, mas a gente vai rápido e volta rápido! Procurou tranquilizar Lucas.

Lucas e Ro desobedeceram a seus pais e se atreveram a ver o casarão no começo da noite.

Quando chegaram perto puderam ver que, se o casarão abandonado assustava as pessoas de dia, à noite ele era muito mais assustador.

As luzes dos postes iluminavam parte dos quartos e salas que ficavam com as janelas e portas abertas. Parecia mal assombrado mesmo!

O vento fazia as portas e janelas rangerem, o que imitava gritos de fantasmas. As árvores secas davam um ar mais sinistro ainda.

Quando chegaram perto do portão eles ouviram um grito alto e fugiram apavorados.

Um gato, que aguardava para caçar algum rato desatento, se assustou com a aproximação dos dois amigos e deu um miado alto MIAAAAUUUUU!

Mas, quando a gente está com medo, qualquer barulho parece que é assombração! Até os morcegos que moravam no telhado voaram assustados com o grito do gato.

Assim, os quatros amigos resolveram esquecer do casarão e brincar longe dele. Todos acharam que deviam mesmo obedecer suas mães.

Até que em um sábado...

Um caminhão de mudança parou em frente do casarão. Homens desciam alguns móveis escuros e velhos, levando-os para dentro do casarão. Isto chamou atenção de toda a vizinhança.

Muitas pessoas logo foram lá bisbilhotar, inclusive, os pais de Rosinha, Sussu, Lucas e Ro. E eles, naturalmente, seguiram seus pais. Todos estavam curiosos para ver os novos moradores do famoso casarão abandonado.

Logo em seguida, parou um carro antigo, preto, de onde desceram um casal e duas crianças, um menino e uma menina. Todos se vestiam de preto e tinham a pele incrivelmente pálida. O pai tinha uma capa nas costas que balançava ao vento. A mãe vestia um vestido longo, o menino um terninho com uma gravatinha e a menina um vestidinho também longo. Eles eram muito estranhos mesmo! Pareciam pessoas do tempo antigo.

Ao descer do carro, a sinistra família olhou para as pessoas do outro lado da calçada. E assim ficou por uns minutos calada, fixando os vizinhos nos olhos. Os novos moradores estranharam porque tantos vizinhos vieram acompanhar a mudança deles.

Quando os novos moradores começaram a atravessar a rua em direção às pessoas, em passos lentos e sem dizer nada, todos se retiraram às pressas. Rosinha, Sussu, Lucas e Ro simplesmente correram mostrando pavor aos novos vizinhos.

A família toda parou no meio da rua, um olhou para o outro sem entender o que estava acontecendo, a razão das pessoas fugirem e todos voltaram para o casarão.

Nos dias que se seguiram, os quatro amigos aproveitavam para ver a movimentação dos novos moradores no casarão. Eles viam o homem consertando as portas e janelas, a mulher cortando o mato e varrendo o terreno. O menino ajudava o pai e a menina ajudava a mãe. Eles não eram de falar muito, não se ouvia gritos.

E a estranha e desconhecida família todos os dias à tarde, próximo do anoitecer, repetia um ritual - todos eles iam ao cemitério em passos lentos e em absoluto silêncio. E o que eles faziam lá no cemitério intrigava todos os vizinhos.

E uma coisa logo chamou a atenção de Rosinha, Sussu, Lucas e Ro:

- Vocês prestaram atenção que quando o sol se abre, todos entram na casa e não saem mais? Exclamou Lucas.
- É, eu já notei isto! Respondeu Rosinha.
- E eu os tenho os visto trabalhar na casa e no quintal à noite, quando o luar está forte! Continuou Ro.

- Que estranho isto, não? Disse Sussu.

Mas, as suspeitas dos quatro amiguinhos aumentaram quando Lucas contou esta história:

- Sabe galera, no início da noite de ontem eu estava vindo com meus pais próximo ao casarão e vi dois morcegos enormes saindo do telhado e voando em direção à praça. Quando chegamos à praça, eu vi os meninos do casarão brincando, um correndo atrás do outro, pulando, se escondendo atrás das árvores. Eu acho que os morcegos que saíram do casarão se transformaram em crianças!

E a reação foi geral:

- Nossa! Agora estou começando a ficar com medo. Será que nossos vizinhos são vampiros e seus filhos são vampirinhos? Disse Ro.

- É muito estranho eles não gostarem de sol. Vampiros não gostam da luz do sol porque eles morrem! Eu li isto em um livro. Esclareceu Rosinha.

- É verdade! Eles gostam da luz do luar. Por isso eles saem do casarão quando o luar está forte! Complementou Sussu.

- E vocês notaram como todos eles se vestem de preto, usam roupas antigas e têm a pele muito branca? Alertou Lucas.

- Estou começando a ficar assustada. Dizem que vampiros são pessoas mortas que vivem de beber o sangue de outras pessoas. Credo! Disse Rosinha, muito assustada.

À noite, Rosinha, Sussu, Lucas e Ro começaram a conversar com seus pais sobre este assunto:

- Pai, vampiros existem? Perguntou Lucas.

- Não, meu filho! Vampiros não existem. Isto é uma lenda antiga que começou com o Conde Drácula. Esta lenda foi inspirada no personagem histórico chamado Conde Vlad Tepes, que nasceu em 1431 e vivia na cidade de Transilvânia na Romênia. Este Conde Vlad ficou conhecido pela perversidade com que tratava seus inimigos. Embora ele não fosse um vampiro, sua crueldade alimentava a imaginação das pessoas. Assim, ele

virou uma lenda como um vampiro de verdade porque se dizia na época que ele ‘tinha sede de sangue humano’! Mas, isto era uma força de expressão para demonstrar a sua crueldade, nada mais.

- Mãe, é verdade que vampiros podem se transformar em morcegos e morcegos podem se transformar em vampiros? Quis saber Rosinha.

- É, parece que as histórias de vampiros contam fatos assim. Mas, me deixa ver a novela!

- Pai, o que é um vampiro? Perguntou Ro.

- Bem, pelo que eu sei pelos filmes que assisti, aliás, filmes de péssimo gosto, os vampiros são pessoas mortas que conseguem reviver após beber sangue de outras pessoas. Assim, para se manterem vivos, eles precisam tomar sangue à noite, logo após o aparecimento do luar. Eles usam seus dentes caninos grandes para furar as veias do pescoço de suas vítimas. Os vampiros não conseguem passar por água corrente, precisam dormir em caixões durante o dia e a imagem deles não é refletida em espelhos ou fotos. Eu me lembro, também, que se o cabelo de um vampiro for cortado ele cresce e retoma o tamanho original em apenas algumas horas. Mas, eu vi isto em filmes. Vampiros de verdade não existem!

- Mãe, o que pode fazer um vampiro morrer, a senhora sabe? Perguntou Sussu.

- Ah, meu filho! Você vem com cada pergunta. Por que não vai estudar para a prova de amanhã? Bem, pelo que eu li certa vez em um livro, podemos matar um vampiro com água benta, crucifixo, uma estaca de madeira cravada no coração deles enquanto dormem de dia, bala de prata ou espada de prata, a luz do sol e o fogo. Mas, nada disto vai adiantar porque, na verdade, vampiros não existem. É pura imaginação dos escritores e produtores de filmes. O que existe mesmo é uma prova de matemática esperando por você amanhã. Agora, vá estudar.

Nos dias seguintes, Rosinha, Sussu, Lucas e Ro só falavam de seus novos vizinhos vampiros e trocavam idéias sobre o que cada um tinha aprendido com os seus pais.

E todos dividiram as informações que conseguiram de seus pais:

“Os vampiros existem. O primeiro vampiro era o Conde Drácula que nasceu em 1431 na cidade de Transilvânia na Romênia. Vampiros podem se transformar em morcegos e morcegos podem se transformar em vampiros. Vampiros são pessoas mortas que conseguem reviver após beber sangue de outras pessoas à noite, logo após o aparecimento do luar, furando as veias de suas vítimas com seus enormes dentes caninos. Os vampiros não conseguem passar por água corrente, precisam dormir em caixões durante o dia e a imagem deles não é refletida em espelhos ou fotos. Se o cabelo de um vampiro for cortado ele cresce novamente em poucas horas. Podemos matar um vampiro com água benta, crucifixo, uma estaca de madeira cravada no coração deles enquanto dormem de dia, uma bala de prata ou espada de prata, a luz do sol e o fogo”.

Um dia de muito calor, os quatro amiguinhos foram tomar sorvete na sorveteria do Senhor Quincas. O senhor Quincas era um dos moradores mais velhos do bairro.

E, enquanto cada um saboreava o seu sorvete, Lucas perguntou para o velho Quincas:

- Senhor Quincas, o senhor conheceu os antigos moradores do casarão abandonado?
- Ah, conheci sim. Não muito, mas conheci sim. Era a senhora Elena e o senhor Eugene. Eram boas pessoas, apesar de viverem sempre isolados no casarão e somente saíam ao entardecer. Não gostavam de tomar sol. Apesar de estranhos, eles nunca molestaram ninguém. Eles eram romenos, vieram da Romênia, de uma cidade chamada Transilvânia.

Os quatro pararam de tomar o sorvete e falaram em uma só voz:

- Da Transilvânia, terra do Conde Drácula?
- Se era terra deste conde eu não sei. O que eu sei é que eles diziam que nasceram na Transilvânia e vieram para o Brasil logo após o término da Segunda Guerra Mundial. Eles falavam muito mal o português. Acho que é por isso que eles se isolavam das pessoas.
- O senhor sabe se a imagem deles se refletia no espelho? Perguntou Ro.
- Eles dormiam de dia em caixões? Insistiu Rosinha.

- O senhor sabe se eles se transformavam em morcegos e vice-versa? Quis saber Ro.
- O senhor viu se eles conseguiam passar por água corrente? Perguntou Lucas.
- Eles cortavam o cabelo? O senhor viu se os cabelos cresciam novamente em poucas horas? Indagou Rosinha.
- E eles morreram como, com água benta? Perguntou Sussu.
- Vendo um crucifixo? Completou Ro.
- Alguém cravou uma estaca no coração deles enquanto dormiam de dia? Continuou perguntando Lucas.
- A polícia deu um tiro neles com uma bala de prata ou espetou uma espada de prata neles? Perguntou, aflita, Rosinha.
- Será que não foi quando eles viram a luz do sol? Perguntou Sussu, mais assustada ainda.
- Ou será que o casarão pegou fogo e eles morreram? Perguntou Ro.

O velho Quincas cansado de tantas perguntas desabafou:

- Criançada, que bobagens são estas que vocês estão perguntando? Eu tenho mais o que fazer. Vão embora! Acabem os seus sorvetes e me deixem em paz! Se vocês querem saber a verdade, o casal Elena e Eugene morreu de velhice, com mais de 100 anos cada um. Primeiro morreu o senhor Eugene. Duas semanas depois, a senhora Elena. Eles foram enterrados no cemitério aqui do lado. Não tiveram filhos e nem tinham parentes no Brasil. Depois que eles morreram nunca mais ninguém morou no casarão. Era um casarão muito bonito e bem cuidado, com lindas árvores e jardins. Agora está tudo abandonado. Recentemente, pelo que fiquei sabendo, alguns parentes da senhora Elena e senhor Eugene vieram morar no casarão. Mas, eu ainda não os conheço.

Rosinha reuniu a turma e fez uma declaração:

- Eu descobri uma coisa terrível! Meu pai disse que o primeiro vampiro foi o Conde Drácula. E ele disse que o Conde Drácula nasceu em 1431, em uma cidade da Romênia chamada Transilvânia.

- E daí? Perguntou Sussu?

- Daí que o senhor Quincas disse que os primeiros moradores do casarão foram a senhora Elena e o senhor Eugene .

- E daí, Rosinha, diga logo. Aonde você quer chegar? Insistiu Lucas.

- E daí que, vocês não se lembram? O senhor Quincas disse para nós na sorveteria que a senhora Elena e o senhor Eugene são da Romênia e nasceram na mesma cidade do Conde Drácula, a Transilvânia.

- Logo? Perguntou Ro.

- Logo que eles são parentes do Conde Drácula e a família que se mudou para o casarão também são parentes do Conde Drácula. Portanto, todos são vampiros! Respondeu Rosinha.

Se Rosinha, Sussu, Lucas e Ro tinham alguma dúvida quanto aos novos moradores do casarão, agora não tinham mais! Eles acreditavam que todos eram vampiros! Inclusive, os filhos do casal eram os vampirinhos do casarão!

Mas, Sussu ainda insistiu em uma pergunta:

- Mas, todos os nossos pais disseram que vampiros não existem, que são frutos da imaginação dos escritores e produtores de filmes. Então como ficamos?

- Sussu, veja bem. Eu não acho que nossos pais fariam a verdade para nós para não nos assustar! Mas as provas estão aí! Deu sua posição Sussu.

- Que provas? Ainda não temos provas! Respondeu Ro.

- Bem, então por que não tentamos provar primeiro? Completou Lucas.

- Você está certo, Lucas. Meu pai é advogado e ele sempre diz que não se pode acusar ninguém sem provar que ele é culpado de alguma coisa! Finalizou Rosinha.

E assim eles combinaram. Tentariam provar que os moradores do casarão abandonado eram de fato vampiros.

Alguns dias depois, Rosinha, Sussu, Lucas e Ro brincavam em um domingo de tarde. Era uma tarde cinzenta, mas não havia ameaça de chuva. E, para surpresa de todos, apareceram as duas crianças filhos do misterioso casal do casarão, Eles estavam vestido com roupas escuras, diferentes das usadas pelas demais crianças, com os cabelos negros penteados para trás.

E se apresentaram, falando com um sotaque de estrangeiros:

- Oi, bom dia! Nós somos os seus novos vizinhos. Podemos brincar com vocês? Meu nome é Vladimir.

- E o meu é Norma!

Rosinha, Sussu, Lucas e Ro se abraçaram, um se protegendo no outro, com visível medo. Mas, conseguiram responder:

- Oi, bom dia! Bem, nós temos visto vocês brincando por aí na praça à noite...

- É verdade, nós adoramos a noite e meus pais dormem muito durante o dia e trabalham à noite. Assim, antes de ir para o trabalho eles nos deixam brincar um pouco na praça! Disse Vladimir.

- Ah, seus pais trabalham à noite? E o que eles fazem? Quis saber Lucas.

- Nós não sabemos muito bem, mas eles voltam para casa com o avental sempre sujo de sangue! Respondeu Norma.

- Posso fazer outra pergunta? Disse Rosinha.

- Claro, perguntem o que vocês quiserem. Nós somos seus vizinhos e vocês precisam nos conhecer muito bem!

- Por que vocês não brincam de dia no sol?

- Ah, bem. Nós não gostamos de sol. O sol nos faz mal. Além do mais, nós evitamos barulhos em casa durante dia para deixar meus pais dormirem sossegados. Eles têm muito trabalho à noite! Esclareceu Vladimir.

Rosinha, Sussu, Lucas e Ro pararam com as perguntas, por enquanto, e resolveram brincar de esconde-esconde com os irmãos Vladimir e Norma. E os dois irmãos sabiam se esconder tão bem que eles sempre ganhavam a brincadeira. Parece que eles simplesmente desapareciam. Em seguida, brincaram de pega-pega.

Mas, em certo momento, Vladimir e Norma disseram que tinham que ir embora. A noite estava chegando e parecia até que o luar seria bem forte naquela noite. Eles tinham que ficar em casa.

- Ficamos muito felizes em conhecer vocês! Os brasileiros são muito simpáticos e amigos! Quando quiserem, apareçam lá em casa. O casarão onde moramos é velho, mas agora está quase tudo arrumado!

Tão logo eles se foram, os quatro amigos mostraram suas preocupações;

- Vocês viram? O menino se chama Vladimir, o Conde Drácula se chamava Vlad! Exclamou Ro.

- Eu morri de medo quando eles disseram que os pais deles dormem durante o dia e trabalham à noite! Além disto, eles voltam com os aventais sujos de sangue! Cruz credo. Eles, com certeza, devem ser vampiros! Disse Lucas convencido.

- E eles confessaram que não gostam de sol e que o sol lhes faz mal! Ressaltou Sussu.

- Precisamos pensar em um plano para conseguirmos as provas! Eu estive pensando... Se eles voltarem amanhã para brincar, vamos brincar de barbeiro e eu vou cortar um pouco do cabelo de Norma. Se ele crescer em poucas horas já teríamos uma primeira prova! Sugeriu Rosinha.

- E eu vou trazer um espelho para ver se eles têm reflexo no espelho ou não! Disse Ro.

- Boas idéias, isto já ajudaria muito. E vamos tentar ver se os caninos deles são grandes. Completou Lucas.

- Ótimo, então estamos combinados! Finalizou Rosinha.

No dia seguinte, Vladimir e Norma não apareceram e nem a semana toda. Mas, no domingo seguinte, lá estavam eles novamente procurando pelos quatro amigos:

- Vocês desapareceram! Indagou Rosinha.

- É verdade, mas durante a semana nossos pais não nos deixam sair. Temos que cuidar da casa durante a noite para que eles possam fazer o trabalho deles bem feito! E quando eles voltam com os aventais bem sujos de sangue sabemos que trabalharam muito bem à noite!

Sussu falou baixinho no ouvido de Lucas:

- Eles que esperem um pouco mais, mas vamos provar que eles são vampiros e chamar a polícia!

Em seguida, Rosinha perguntou:

- Vamos brincar de salão de beleza? Só as meninas. Os meninos brincam de outra coisa.

Norma concordou na hora:

- Eu quero! E eu quero ser a primeira a cuidar de meus cabelos e fazer maquiagem!

O 'salão de beleza' já estava improvisado com uma cadeira embaixo de uma árvore e um espelho afixado no tronco.

Sussu, com cuidado, pegou uma tesoura e cortou os dois cachinhos de cabelos de Norma que caíam próximos de suas orelhas. Ao ver os seus cabelos cortado Norma ficou muito brava:

- Não era para ser de verdade! Você cortou os meus cachinhos que eu gostava tanto! Não quero brincar mais.

Norma foi embora chorando, seguida de Vladimir que falou:

- Minha mãe vai ficar muito zangada com Norma!
- E você, Ro? Chegou ver a imagem de Vladimir refletida no espelho?
- Não!

Não ficou claro se o 'não' do Ro quis dizer 'não vi a imagem do Vladimir refletida porque não deu para posicioná-lo em frente ao espelho' ou se quis dizer 'a imagem do Vladimir não se refletiu no espelho apesar dele estar bem em frente ao espelho'.

Mas, o que ficou valendo mesmo para os desconfiados e assustados amigos foi a segunda resposta. E as crianças consideraram que a imagem de Vladimir não foi refletida no espelho!

Quando as crianças se encontraram novamente com Vladimir e Norma no domingo à tarde seguinte tiveram outra surpresa! Os cachos de cabelo de Norma estavam no mesmo lugar, escondendo cada uma das orelhas.

- Vocês viram? Temos mais uma prova! Os cachos dos cabelos da Norma cresceram rapidamente e estão no mesmo tamanho. Em uma semana seria impossível eles crescerem assim. Agora já temos duas provas? Disse Rosinha.
- Duas? Perguntou Sussu.
- Sim! A imagem de Vladimir não se refletiu no espelho e os cabelos de Norma cresceram em poucas horas! Eles são vampiros, não há mais dúvidas.
- Esperem um pouco! O Vladimir e Norma nos convidaram para visitá-los no casarão. Eu acho que a gente deve ir e comprovar tudo ali mesmo! Sugeriu Lucas.
- Mas, como vamos nos proteger? Perguntou Ro ansioso.
- Eu vou levar um crucifixo e água benta! Disse Rosinha.
- Eu vou levar um espeto de prata que meu pai tem para fazer churrasco! Disse Sussu.

- Se for preciso vou abrir a janela para entrar a luz do sol! Disse Lucas.

- Eu vou levar um isqueiro e mostrar o fogo se eles me ameaçarem! Disse Ro.

Mas, Rosinha procurou controlar e acalmar seus amigos:

- Bem, primeiro temos que ter a aprovação de nossos pais para visitar Vladimir e Norma no casarão. Depois, temos que levar tudo isto escondido! Afinal de contas, eles se mostraram muito gentis nos convidando. Seria falta de educação a gente chegar com todas estas ameaças. Mas, por via das dúvidas, levem tudo isto escondido! Está bem assim?

Todos concordaram.

À noite, Rosinha sonda sua mãe sobre a visita ao casarão:

- Mãe! Nós conhecemos os filhos do vamp..., quero dizer, daquela família que se mudou para o casarão abandonado. Seus nomes são Vladimir e Norma. Eles nos convidaram para visitá-los no casarão. Podemos ir?

- E quem vai?

- Eu, a Sussu, o Lucas e o Ro!

- Mas, não vai nenhum adulto com vocês?

- Bem... Esta é a ideia!

- Não senhora! Sozinhos vocês não vão! Veja com a Sussu se a mãe dela vai com vocês. Aí, eu vou também! Não acho boa ideia irem somente crianças. Afinal de contas, mal conhecemos estes novos vizinhos que, aliás, são muito estranhos.

Alguns dias depois, a visita estava programada. Vladimir e Norma avisaram seus pais que seus novos amiguinhos brasileiros iriam visitá-los acompanhados da mãe de Rosinha e da Sussu.

E o domingo parecia favorecer os planos de Rosinha, Sussu, Lucas e Ro. O dia estava lindo, o céu azul e o sol brilhava intenso e forte.

Seguindo pela calçada em direção ao casarão, os quatro amigos e as mães de Rosinha e Sussu conversavam sobre o comportamento que todos deveriam ter na visita. Mas, as crianças trocavam olhares sinistros e não comentavam o que levavam no bolso para colocar Vladimir e Norma à prova.

Este era o dia que, finalmente, eles acreditavam que o mistério dos vampirinhos do casarão seria desvendado.

Ao chegarem ao grande portão do casarão, o grupo procurou por uma campainha, mas não achou. No lugar da campainha um cordão, com uma placa: 'Puxe o cordão para ser anunciado'.

Quando a mãe de Rosinha puxou o cordão com força, sinos tocaram dentro do casarão. Após alguns minutos, os pais de Vladimir e Norma se dirigiram à frente do casarão para abrir o portão.

- Bom dia! Sejam bem-vindos à nossa casa. Meu nome é Tristan e esta é minha esposa Mircea.

Todos se apresentaram e foram recepcionados na grande sala de visitas. Os móveis escuros, as cortinas vermelhas, o piso de madeira e grandes candelabros davam um ar de casa mal assombrada.

Assim que se sentaram nos sofás de veludo vermelho e verde, a senhora Mircea disse:

- Vladimir e Norma, levem seus amiguinhos para a outra sala e mostrem os seus brinquedos e livros.

E uma boa parte da manhã foi ocupada com conversas entre o casal Tristan e Mircea e as mães de Rosinha e Sussu, de um lado. Do outro lado, Vladimir e Norma conversavam com Rosinha, Sussu, Lucas e Ro.

E a senhora Arlete, mãe de Rosinha, tomava a iniciativa da conversa:

- Quer dizer que vocês são da Romênia. E estão se mudando para o Brasil?

As crianças da outra sala ao lado, podiam ouvir parte das conversas dos adultos e a resposta do senhor Tristan:

- Sim! Nós viemos da Romênia há dois anos. Meu tio Eugene e minha tia Elena faleceram. Nós somos os únicos parentes. Estamos cuidando dos bens que eles deixaram aqui no Brasil, principalmente este lindo casarão. Sentimos muito a falta deles, eles eram boas pessoas. Viemos para prestar nossas últimas homenagens. Nós vamos ao cemitério todos os dias em respeito à memória deles. Estamos procurando salvar a pequena fábrica que eles tinham para a produção da ‘chisca’.

- ‘Chisca’? Exclamou dona Suely, mãe de Sussu.

- Ah! ‘Chisca’ é uma linguiça tradicional da Romênia. E nós a produzimos para vender aos imigrantes romenos que vieram para o Brasil. Esclareceu a senhora Mircea.

E o senhor Tristan continuou:

- Nós preferimos trabalhar à noite porque é mais fresco. Não somos incomodados por insetos. E os nossos aventais com o sangue da carne de porco e de boi são lavados em casa.

E a senhora Mircea completava:

- Não gostamos do sol. Nós evitamos tomar sol. Onde nascemos o clima é muito frio e nossa pele é muito branca. O sol pode causar doenças em nossa pele. Por isso deixamos as crianças brincar um pouco na praça no começo da noite. Assim, vamos trabalhar mais tranquilos, sabendo que eles estarão dormindo. Além do mais, eles gostam de ver os morcegos que vão à noite na praça comer a fruta da figueira.

E disse algo importante:

- Ah! Estas crianças! Vocês sabem que um dia destes a Norma veio chorando para casa porque suas filhas cortaram os dois cachos de cabelos que ela gostava tanto, brincando de salão de beleza? Eu tive que dar um jeito de amarrar os cachos cortados para ela parar de chorar. Ela ficou feliz em saber que em dois meses os cabelos cresceriam normalmente.

Os quatro adultos da outra sala ao lado, podiam ouvir parte das conversas das crianças:

- Vladimir e Norma, vejam este crucifixo que eu ganhei de minha mãe! Disse Rosinha.

- Que lindo! Nós também temos crucifixos, somos católicos como vocês. Respondeu Vladimir.

- Vocês não sentem nada quando vêem ou tocam em um crucifixo? Perguntou Rosinha.

- Sim, sentimos muito alegria e sensação de paz, pois ele é o símbolo dos cristãos, o momento da crucificação de Jesus. Respondeu Norma.

- Olha! Eu tenho este vidro de água benta! Vocês querem se benzer com ela? Insistiu Rosinha.

- Queremos sim. Costumamos molhar os dedos na água benta para fazer o sinal da cruz! A água benta é uma forma de sentir as lágrimas de Jesus. Respondeu Norma.

- Eu trouxe este espeto de prata. Meu pai o usa para fazer churrasco. Quer pegá-lo? Respondeu Sussu.

- Sim! É uma bonita peça. Mas, nós somos vegetarianos. Não comemos carne! Respondeu Vladimir.

- Eu ganhei este isqueiro do meu pai! É para fazer fogueira no acampamento dos escoteiros. Veja o fogo que ele faz! Vocês têm medo de fogo? Perguntou Ro.

- Não! Por que razão nós deveríamos ter medo do fogo? Mas, respeitamos muito o fogo. Ele pode ser perigoso se mal usado. Disse Norma.

- Eu posso abrir a janela? O sol está lindo lá fora. Vocês gostam de sol? Tem medo do sol? Perguntou Lucas.

- Pode abrir sim. Adoramos ver o sol nas plantas. Mas, nossos pais não deixam a gente se expor ao sol. Temos a pele muito fina e já tivemos casos na família de doenças na pele provocadas pelo sol. Que pena!

As crianças resolveram parar com as perguntas que tentavam colocar Vladimir e Norma à prova e se voltaram a perguntas normais:

- Vocês falam o idioma romeno? Quis saber Rosinha.
- Sim, falamos fluentemente. Respondeu Vladimir.
- É difícil? Perguntou Sussu, curiosa.
- Para nós, não. Aliás, a língua romena tem muitas palavras parecidas com a língua portuguesa. Esclareceu Norma.
- Ah, é? E como se diz, então: ‘Como você se chama?’.
- ‘Cum te cheamã?’. Disse Vladimir.
- E as cores branco, negro e verde? Perguntou Ro.
- ‘Alb, negru e verde’. Respondeu Norma.
- E vaca, boi, touro, porco e cabra? Indagou Sussu curiosa.
- ‘Vacã, bou, taur, porc e caprã’. Respondeu Vladimir.
- Nossa, realmente estas palavras são parecidas com a língua portuguesa. E como se fala leite, carne, pão e fruta? Perguntou Lucas.
- ‘Lapte, carne, pâine e fruct’. Respondeu Norma.
- Só mais uma: como se fala montanha, vale, lago e mar? Acrescentou Rosinha.
- ‘Munte, vale, lac e mări’. Disse Vladimir.

Vladimir, vendo o interesse de seus amigos, perguntou:

- E vocês sabem por que muitas palavras são muito parecidas com as palavras em português?
- Não, por quê? Respondeu Lucas.
- Porque o romeno é uma das cinco línguas irmãs que se originaram do Latim, como o português, o italiano, o francês e o espanhol!
- Mesmo? Perguntou Ro, o mais curioso da turma.

- Mesmo! Veja, por exemplo, as palavras branco, preto, leite, pão e montanha em romeno: alb, negru, lapte, pâine e munte. Em espanhol: blanco, negro, leche, pan e montana. Em francês: blanc, noir, lait, pain, montagne. Em italiano: bianco, nero, latte, pane e montagna!
- Ah! Que interessante, eu não sabia disto! Respondeu Sussu.

A visita estava chegando ao fim. Se de um lado havia satisfação das crianças em saber que Vladimir e Norma não eram os vampirinhos do casarão, por outro lado eles não conseguiam esconder a sua frustração!

A mãe de Sussu fez a última pergunta na sala dos adultos:

- E vocês vão ficar no Brasil para sempre?
- Não! Nós vamos voltar à Romênia assim que terminamos nossa missão aqui. Nossos queridos tios Eugene e Elena nunca tiveram filhos. E eles deixaram um testamento que o casarão deveria ser doado para um orfanato de crianças e a fábrica da 'chisca' reativada para ajudar nas despesas do orfanato. Assim que terminarmos esta nossa missão e atender este último pedido de meus tios, partimos de volta para a Romênia.

Antes de deixarem o casarão, Rosinha quis tirar fotos do grupo todo. Tirou uma na sala, outra no jardim e a última em frente ao grande portão. Seria uma lembrança desta simpática e acolhedora família que, apesar de aparentar ares estranhos e sinistros, era formada por cidadãos de paz e bem intencionados.

O tempo passou. O casarão abandonado deu lugar a um orfanato que abrigava 32 crianças órfãs que viviam abandonadas. Ele deixou de ser sinistro e mal assombrado. E deu lugar a um casarão colorido e iluminado pela alegria das crianças que brincavam e faziam um gostoso barulho de felicidade todos os dias.

Rosinha, Sussu, Lucas e Ro passaram a fazer uma festa de aniversário no orfanato todos os anos. A festa era para comemorar os seus aniversários e os aniversários de todas as crianças do orfanato. Mas, ao invés de ganharem presentes, Rosinha, Sussu, Lucas e Ro levavam presentes para todas as crianças e todos apagavam as velinhas de um grande bolo de aniversário.

E sempre se lembravam com saudades dos amiguinhos Vladimir e Norma que se foram.

Ao ver as fotos que tirou, Rosinha notou que o senhor Tristan não apareceu em nenhuma das fotos.

E ela ficou muito intrigada:

- Mas, ele estava lá em todas as fotos que tirei! Eu tenho certeza!

Em seu lugar nas fotos apareciam apenas espaços vazios...

Mas, Rosinha não deu maior importância a isto e sequer comentou com seus pais e seus amigos! Ela já tinha provas suficientes de que eles não eram vampiros!

Que estranho, não?

Por que será que o senhor Tristan não apareceu nas fotos?

Será?

Será que o senhor Tristan é um...

Não!

Não pode ser!

FIM